

Antropologia Simbólica e Clifford Geertz

1. Antropologia Simbólica
 - 1.1. A partir da década de 70
 - 1.2. Relação entre os símbolos e o sistema cultural
 - 1.3. Antropologia como o estudo da dimensão simbólica, entendida como sistema de significados.
2. **Victor Turner.**
 - 2.1. Nasceu em Glasgow, 1920
 - 2.2. Estudou antropologia em Londres e Manchester
 - 2.3. Conhecer através dos rituais as características da estrutura social...
 - 2.4. **Símbolo tem três níveis de significação:**
 - 2.4.1. Quando expressado oralmente pela sociedade
 - 2.4.2. Quando empregado durante o ritual
 - 2.4.3. Sua relação com os outros símbolos do sistema simbólico
3. Clifford Geertz
 - 3.1. Nasceu em 1923
 - 3.2. “I wanted to be a novelist and a newspaper man”. (Very readable [prose] even, at times, entertaining. – Gary Olson)
 - 3.3. Geertz e sua esposa estudaram “Social Relations” em Harvard.
 - 3.4. Indonésia
 - 3.4.1. Ele – religião
 - 3.4.2. Ela – Família e relações de parentesco
 - 3.5. Atualmente é professor Emérito no “Intitute for Advanced Studies” em Princeton, New Jersey.
 - 3.6. **Antropologia não é uma ciência experimental em busca de leis, sim uma ciência interpretativa que persegue o significado da ação simbólica.**
 - 3.7. Os símbolos não têm significado único, igual para todos os membros de uma sociedade.
 - 3.8. **Cultura como um sistema de concepções expressadas em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam e perpetuam e desenvolvem seus conhecimentos e atitudes ao longo da vida.**
 - 3.9. Relação com a semiótica de Saussure.

Cliffort Geertz, A interpretação das culturas, Rio de Janeiro, LTC, 1989 (1973).

Cap. 1 - Uma Descrição Densa: Por uma teoria interpretativa da cultura

1. Suzane Langer – “idéias surgem com ímpeto de resolver problemas...”
2. Conceitos de Cultura
 - 2.1. E. B. Tylor – O Todo mais complexo
 - 2.2. Clyde Kluckhohn – 11 subconceitos (amplo e eclético)
 - 2.2.1. modo de vida
 - 2.2.2. legado social
 - 2.2.3. forma de pensar
 - 2.2.4. abstração de comportamento...
 - 2.3. “[Como Max Weber] o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e seu significado”.
 - 2.4. A prática da etnografia
 - 2.4.1. olhar
 - 2.4.2. estabelecer relações...
 - 2.5. Descrição Densa – **Gilbert Ryle**
 - 2.6. Exemplo: Tique e piscadela
 - 2.6.1. Descrição superficial – imitador contrai a pálpebras
 - 2.6.2. Descrição densa – praticando uma farsa
 - 2.7. Exemplo de Ryle: Franceses, Berberes, Xequê, Judeu.
 - 2.8. “Nos escritos etnográficos acabados... o que chamamos de dados são nossa própria construção das construções de outras pessoas do que ela e seus compatriotas se propõem...”
 - 2.9. “O que devemos indagar é qual a sua importância: o que está sendo transmitido...”
 - 2.10. Uma vez que o comportamento humano é visto como ação simbólica... o problema se a cultura é uma conduta padronizada ou um estado na mente ou mesmo as duas coisas juntas, de forma alguma perdemos o sentido.
3. **Antropologia cognitiva.**
 - 3.1. Cultura é composta de estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos ou grupos guiam seus comportamentos.
 - 3.2. Confronto entre simbólico e cognitivo.
 - 3.3. **Ward Goodenough** – “A cultura de uma sociedade consiste no que quer que seja que alguém que saber ou acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos seus membros”.
 - 3.4. Elaboração de regras sistemáticas (algorítmico etnográfico).
 - 3.5. “...saber como piscar é piscar e saber como roubar um carneiro é fazer uma incursão aos carneiros é revelar uma confusão tão grande como... identificar piscadelas com contrações de pálpebras.”
 - 3.6. **Stephen Tyler** – “a cultura consiste em fenômenos mentais que podem ser analisados através de métodos formais similares aos da matemática e da lógica”.
 - 3.7. Wittgenstein – “Falamos... de algumas pessoas que são transparentes para nós. Todavia é importante no tocante a essa observação que um ser humano possa ser

um enigma completo para outro ser humano. Aprendemos isso quando chegamos a um país estranho, com tradições inteiramente estranhas e, o que é mais, mesmo que se tenha um domínio total do idioma do país...

4. “...compreender a cultura de um povo expõe sua normalidade, sem reduzir sua particularidade.”
5. “Resumindo, textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade de segunda e terceira mão.”
6. Cultura como sistema simbólico – isolamento dos seus elementos, especificando as relações internas entre esses elementos e passando então a caracterizar todo o sistema de uma forma geral – de acordo com os símbolos básicos em torno dos quais ela é organizada, as estruturas subordinadas das quais é uma expressão superficial, ou os princípios ideológicos nos quais ela se baseia.
 - 6.1. Deve-se atentar para o comportamento... pois é através do fluxo do comportamento que as formas culturais encontram articulação.
 - 6.2. Coerência não pode ser o principal teste de validade de uma descrição cultural (sistema por si só é coerente – o paranóico e o trapaceiro)
 - 6.3. “Como em qualquer discurso, o código não determina a conduta, e o que foi dito não precisava sê-lo, na verdade”. (interpretação dos carneiros)
7. **Três características da descrição etnográfica.**
 - 7.1. Ela é interpretativa
 - 7.2. O que ela interpreta é o fluxo do discurso social
 - 7.3. A interpretação consiste em salvar o “dito” num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixa-lo em formas pesquisáveis.
 - 7.4. Microscópica – o antropólogo aborda caracteristicamente tais interpretações mais amplas e análises mais abstratas a partir de um conhecimento muito extensivo de assuntos extremamente pequenos.
8. Modelos
 - 8.1. Microcósmico
 - 8.2. Laboratório natural
9. Teoria
 - 9.1. **“Ou você aprende uma interpretação ou não, vê o ponto fundamental dela ou não, aceita-a ou não”.**
 - 9.2. Condições para a teoria cultural
 - 9.2.1. Ela não é seu próprio dono
 - 9.2.1.1. Aprofundamento dos estudos sobre mesmo objeto
 - 9.2.1.2. generalizar dentro dos casos
 - 9.2.2. Ela não é profética
 - 9.3. Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, o papel da cultura na vida humana.
10. **A abordagem semiótica da cultura é “essencialmente contestável”.**

Capítulo 9 – Deep Play: notes on the Balinese cockfight

1. A invasão
 - 1.1. “Praticamente ninguém nos cumprimentava... A indiferença, sem dúvida, era estudada”.
 - 1.2. Relação da elite puritana com o camponês pobre e as lutas de galo
 - 1.3. “Quando em Roma...”.
 - 1.4. “Em Bali ser caçado é ser aceito”.
2. De galos e homens
 - 2.1. Identificação com galos (duplo sentido deliberado) – símbolos masculinos
 - 2.2. Sabung - Galo
 - 2.2.1. herói
 - 2.2.2. guerreiro
 - 2.2.3. campeão
 - 2.2.4. Don Juan
 - 2.3. Atividade pública incomum por ser expressamente excluído o sexo feminino.
 - 2.4. Alimentação
 - 2.5. Representa a inversão direta, estética, moral e metafísica da condição humana: a animalidade. A repulsa balinesa contra qualquer comportamento visto como animal não pode deixar de ser superenfaticada. É por isso que não se permite aos bebês engatinharem...
3. O embate
 - 3.1. nove ou dez brigas diferentes que duram de três a quatro horas.
 - 3.2. Os donos e os treinadores (esporões)
 - 3.3. Vasto conjunto de regras elaboradas e complexas - Árbitro (juiz)
 - 3.4. um período clássico (anterior à invasão holandesa)... levar um galo de briga para uma luta importante era, para um adulto masculino, um dever compulsório de cidadania.
4. As vantagens e o direito ao par
 - 4.1. “Os balineses nunca fazem algo de maneira simples quando podem fazê-lo de modo complicado...” (apostas)
 - 4.1.1. Aposta central – oficial (de 15 a 500 *ringgits*)
 - 4.1.2. Aposta por fora
 - 4.1.3. salário diário normal de um trabalhador manual – 3 *ringgits*
 - 4.2. “Quanto mais elevada a aposta central, mais provável que a luta seja bem equilibrada”.
 - 4.3. “a aposta central é um meio, um artifício, para criar embates “interessantes”, “absorventes”, não a razão, ou pelo menos não a razão principal, *por que* elas são interessantes, a fonte de sua fascinação, a substância de sua profundidade”.
5. Brincando com o fogo
 - 5.1. Jogo profundo (Deep Play) – *The Theory of Legislation* de Bentham – aquele no que as apostas são tão altas que, do ponto de vista utilitarista é irracional que os homens se envolvam nele.
 - 5.1.1. Dinheiro como símbolo de importância moral
 - 5.1.2. O que está em jogo é o *status* (sendo afirmado ou insultado)

- 5.1.3. “E como a imposição do significado na vida é o fim principal e a condição básica da existência humana, esse acesso à significação compensa amplamente os custos econômicos envolvidos”. (baseado-se em Weber)
- 5.2. Apostas menores – jogadores compulsivos, viciados
- 5.3. Apostas maiores
 - 5.3.1. verdadeiros aficionados pelas brigas de galo
 - 5.3.2. “constituindo o elemento em foco nessas reuniões concentradas, esses homens geralmente dominam e definem o esporte da mesma forma que dominam e definem a sociedade.
- 5.4. Estrutura social – fatos relacionados entre o esporte e a sociedade
 - 5.4.1. Um homem não aposta contra um galo de propriedade de seu grupo de parentesco.
 - 5.4.2. O mesmo em relação a grupos aliados e não aliados.
 - 5.4.3. O mesmo entre aldeias.
 - 5.4.4. Galos que vêm de alguma distância quase sempre são favoritos.
 - 5.4.5. Praticamente todos os embates são sociologicamente relevantes.
 - 5.4.6. É raro ter dois galos do mesmo grupo lutando
 - 5.4.7. Pessoas envolvidas em relações hostis (*puik*) apostarão com muito ardor
 - 5.4.8. A coalizão da aposta central é sempre formada por aliados estruturais – nenhum dinheiro de fora é envolvido.
 - 5.4.9. Empréstimo de dinheiro para aposta é feita somente entre amigos
 - 5.4.10. se dois galos irrelevantes estão lutando você sequer pergunta a um parente ou amigo em quem ele está apostando.
 - 5.4.11. No caso de aposta contra o grão (*mpura*), é considerado errado.
 - 5.4.12. Relações *puik* é muitas vezes iniciada formalmente com um *mpura*
 - 5.4.13. No caso de lealdade cruzada o cidadão sai para uma xícara de café
 - 5.4.14. Quem se envolve nas apostas centrais geralmente são pessoas proeminentes.
 - 5.4.15. O dinheiro é um tema secundário. Fala-se sobre quem ganhou não o quanto ganhou.
 - 5.4.16. Há uma pressão generalizada para apostar no galo do seu grupo.
 - 5.4.17. Os camponeses em Bali têm consciência de tudo isso.
- 5.5. Lendas envolvendo galos.
6. Penas, sangue, multidões e dinheiro
 - 6.1. **“Como qualquer forma de arte – e é justamente com isso que estamos lidando, afinal de contas – a briga de galos torna compreensível a experiência comum, cotidiana, apresentando-a em termos de atos e objetos dos quais forma removidas e reduzidas as conseqüências práticas ao nível da simples aparência, onde seu significado pode ser articulado de forma mais poderosa e percebido com mais exatidão”.**
 - 6.1.1. Relação com literatura
 - 6.1.2. “Uma imagem, uma ficção, um modelo, uma metáfora, a briga de galos é um meio de expressão”.
 - 6.1.3. (em relação à conduta dos competidores após uma briga de galos) **“Qualquer forma expressiva só vive em seu próprio presente – aquele que ela mesma cria”.**

- 6.2. “A matança na rinha de galos não é um retrato de como as coisas são literalmente entre os homens, mas, de um ângulo particular, de como elas são do ponto de vista da imaginação, o que é bem pior”.
7. Dizer alguma coisa sobre algo
 - 7.1. Que é que se apreende sobre tais princípios [sociológicos] examinando a cultura como uma reunião de textos?
 - 7.2. “...no que concerne à antropologia... as forças culturais podem ser tratadas como textos, como obras imaginativas a partir de materiais sociais...”
 - 7.3. “[O estruturalismo de Levi-Strauss] em vez de tomar os mitos... como textos a interpretar,... os tomo como códigos a serem decifrados... ele não procura compreender as formas simbólicas em termos de como elas funcionam em situações concretas para organizar as percepções; procura compreendê-las em termos de sua estrutura interna, independente de todo o objeto, de todo o sujeito e de todo o contexto”.
 - 7.4. Segundo o provérbio, cada povo ama sua própria forma de violência.
 - 7.5. **“A cultura de um povo é um conjunto de textos, eles mesmos conjuntos, que o antropólogo tenta ler por sobre os ombros daqueles a quem eles pertencem”.**
 - 7.6. “... as sociedades, como as vidas contêm suas próprias interpretações. É preciso apenas descobrir o acesso a elas”.